

13 de abril de 2016

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem

**A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico
e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira**



CLEVELAND COMEÇA SONDAÇÃO PARA AUMENTAR RECURSOS DE PROJETO DE OURO EM GOIÁS

A Cleveland Mining deu início à campanha de sondagem de circulação reversa no projeto Lavra, que faz parte do depósito O Capitão, próximo a Crixás (GO). O objetivo é definir um alvo de exploração que possa contribuir com entre 9 mil e 33 mil onças de ouro por ano para a produção da mineradora, cujo carro-chefe é a mina Premier, que fica a dez quilômetros de Lavra.

O projeto fica na área adjacente à mina de céu aberto de alto teor também chamada Lavra, planejada pela Cleveland e que integra O Capitão. Nessa cava, as atividades de lavra estão prontas para começar mediante a obtenção das licenças necessárias, que devem ser emitidas no “prazo imediato”, segundo a mineradora.

“Nós estamos ansiosos para começar tanto as atividades de mineração quanto atualizar os alvos de pesquisa em Lavra por vários anos. A área [de Lavra] demonstrou sua capacidade para hospedar mineralização de alto teor mais próxima à superfície, conforme demonstrado por atividades de garimpo realizadas no site e por pesquisa da Cleveland nos últimos seis anos”, disse David Mendelawitz, diretor-geral da Cleveland.

A área selecionada para sondagem tem potencial para adicionar receita significativa para o projeto Lavra, caso comprove ser uma extensão da mineralização de alto teor de ouro que foi definida nas duas áreas adjacentes, informou a mineradora australiana em comunicado ao mercado nesta segunda-feira (4).

“Apesar de o potencial para 9 mil a 33 mil onças não parecer muito significativo, gastar menos de 50 mil dólares australianos com sondagem pode adicionar uma faixa de 14 milhões a 52 milhões de dólares australianos em receita, com os preços atuais do ouro”, afirmou Mendelawitz.

Devido à proximidade de dez quilômetros, todo material extraído em Lavra será transportado e processado para a planta da mina Premier, uma vez que a Cleveland obtenha a concessão de lavra para o projeto.

O projeto Lavra, que faz parte de O Capitão, tem recursos inferidos de 134 mil toneladas com teor de 11,14 gramas de ouro por tonelada, para 48 mil onças. Além dos ativos de ouro em Goiás, a Cleveland também tem projetos de minério de ferro em Minas Gerais, que devem ser negociados pela mineradora.

Fonte : Notícias de Mineração

Data: 04/04/2016



CÂMBIO E PREÇOS EM QUEDA REANIMAM DEMANDA

A queda nos preços internacionais dos fertilizantes - reflexo da oferta abundante e da demanda fraca -, a recente reação do real ante o dólar e os preços dos grãos ainda em alta no mercado doméstico criaram o cenário ideal para a antecipação das compras de adubos pelos produtores do Brasil.

Para analistas, o momento é favorável à antecipação, uma vez que o insumo ajudará a manter - e, em alguns casos, a reduzir - os custos de produção na safra 2016/17, que superaram máximas históricas no ciclo passado, inflados pelo dólar.

Fertilizantes no Brasil

Oferta e demanda no primeiro bimestre - milhões de toneladas



Preços médios - médias quinzenais, em São Paulo (R\$/tonelada)



Fontes: Anda (oferta e demanda) e Scot Consultoria (preços). * Fertilizantes intermediários

Para o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea), o menor peso dos adubos pode reduzir os custos de produção da soja no Estado na próxima safra 2016/17. Em relatório do fim de março, o Imea estimou uma despesa de R\$ 3.289 por hectare com a oleaginosa transgênica, baixa de 1,9% ante 2015/16, que foi um recorde. Essa redução virá, em grande medida, pela queda de 11% prevista para os gastos com fertilizantes, que representam mais de 20% dos custos da soja.

Nesse contexto, produtores com fluxo de caixa mais confortável estão em vantagem para aproveitar essa janela de oportunidade para a compra de adubos, porque o crédito para custeio voltará a ficar robusto apenas em meados do ano, com o lançamento do novo Plano Safra.

A abundante oferta mundial tem empurrado para baixo os preços globais dos adubos desde 2011. "Entre os nitrogenados, houve grande elevação da produção no norte da África, nos EUA e na Índia, mas também entre os potássicos houve uma expansão importante", explica Fábio Rezende, analista da FCStone. A queda se acentuou desde o segundo semestre de 2015, sobretudo devido à menor demanda, diante dos baixos patamares de preços internacionais das commodities agrícolas.

O cloreto de potássio posto no porto de Paranaguá (PR) registra desvalorização de 30% ante um ano atrás, calcula Rezende. Em relação à ureia, a queda é de 29%, e do MAP, mais importante fosfato que o país adquire no exterior, de 26%.

Como o Brasil é muito dependente de importações, a disparada do dólar no ano passado levou os produtores brasileiros a cortarem o uso de fertilizantes. Assim, as entregas do produto ao consumidor final recuaram 6,2% em 2015, de acordo com a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda). Para este ano, uma recuperação é esperada.

No primeiro bimestre de 2016, as entregas de fertilizantes no país avançaram 10,8% em relação ao mesmo período do ano passado, para 4,25 milhões de toneladas. "O câmbio ainda deixa os preços das commodities mais favoráveis no Brasil, de modo que a relação de troca para o produtor também está muito positiva para adquirir fertilizantes", diz Rezende, da FCStone.

A GO Associados espera uma alta de 3% nas vendas de fertilizantes no país em 2016. Já o Rabobank prevê uma elevação de 1% a 4,3%. Mas o banco holandês pondera que fatores como a intensificação da demanda interna, a possibilidade de incremento dos custos portuários e o aumento dos fretes podem contribuir para sustentar os preços dos fertilizantes no mercado doméstico nos próximos meses.

Autor(es): Mariana Caetano

Fonte : Valor Econômico

Data: 06/04/2016



GOIÁS CONSOLIDA POSIÇÃO COMO TERCEIRO MAIOR PRODUTOR MINERAL DO PAÍS

A pesar dos problemas que o setor mineral vem enfrentando, em função da crise decorrente da queda de preços das commodities minerais e retração da demanda, aliados a uma certa paralisação gerada pela proposta de novo marco regulatório para a mineração, o estado de Goiás tem apresentado bom desempenho - quando comparado com o restante do Brasil - no que diz respeito ao desenvolvimento da indústria mineral.

De acordo com Tasso Mendonça Júnior, Superintendente de Mineração da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do estado, dois indicadores atestam essa boa performance: o recolhimento da CFEM (Contribuição Financeira sobre a Exploração Mineral) e as exportações. Em termos de CFEM (um item que tanto é afetado pelos preços das commodities quanto pelo volume produzido), no período de 2011 a 2015 a arrecadação no estado cresceu 11%, enquanto no Brasil houve um decréscimo em torno de 12%, no mesmo período. Isto indica que as atividades de mineração em Goiás tiveram crescimento, permitindo que o estado se mantivesse como terceiro maior produtor de bens minerais no ranking nacional. Quanto às exportações, em 2015 as empresas que atuam no setor mineral goiano exportaram US\$ 940 milhões, o que corresponde a quase 20% de tudo o que foi exportado pelo estado no ano, que totalizou US\$ 4,8 bilhões. Os principais bens minerais exportados foram o cobre (US\$ 292 milhões), ferroníquel (US\$ 185 milhões), ferronióbio (US\$ 180 milhões) o ouro (US\$ 168 milhões) e o amianto, na faixa de R\$ 61 milhões. As exportações minerais contribuíram para que Goiás tivesse boa participação nas exportações brasileiras, que foi da ordem de 12% em 2015. E, claro, também ajudou no superávit da balança comercial do País.

Em 2015, o estado de Goiás ficou em segundo lugar no número de Portarias de Lavra concedidas pelo governo. De um total de 491 portarias publicadas no ano, Goiás ficou com 74, ou 15,07%. Isto significa que mais projetos de mineração devem ser instalados em território goiano nos próximos anos. Já em relação ao número de Relatórios de Pesquisa aprovados o estado ficou em 4º lugar, com 190 relatórios (inclui o Distrito Federal), de um total de 1.732 no País inteiro. Com relação aos Requerimentos de Pesquisa, que são um indicativo da atividade de exploração mineral, Goiás e Distrito Federal tiveram 1.159 títulos requeridos, contra um total de 14.455 em todo o País. Neste caso, também ficou em 4º lugar.

Tasso Mendonça considera que contribuiu para esse desempenho um ambiente favorável aos investimentos no estado. Além dos recursos aplicados pelos produtores tradicionais, como Anglo American, Yamana, Anglo Gold Ashanti, Votorantim, surgiram novos projetos em ouro e diamantes, por parte da Orinoco (ouro), Five Star (diamantes) e Amarillo Gold (ouro). Estes investimentos, além de importantes, são considerados emblemáticos, segundo o superintendente. No caso do empreendimento da Orinoco, trata-se de um projeto no greenstone belt de Faina, onde houve atividade no passado mas que não teve continuidade. Agora, a empresa

está obtendo sucesso. A Five Star, por sua vez, iniciou operações de extração de diamantes numa área de kimberlito, na região de Catalão/Ouvidor, que chegou a ser pesquisada no passado por grandes companhias - como De Beers e Rio Tinto. A empresa investiu R\$ 9 milhões e já está produzindo diamantes. Além disso, mantém outras áreas e alvos, que serão pesquisados e colocados em produção, o que abre uma boa perspectiva para que Goiás se torne um importante produtor de diamantes. Já o projeto da Amarillo Gold (ver matéria específica nesta edição), está em fase de licenciamento, com possibilidades de iniciar a implantação no começo de 2017.

Além desses projetos, existem outros no estado que também são importantes, como o da Mineração Santo Expedito, que está produzindo bauxita em Barro Alto, o da Mineração Serra Verde, que objetiva a produção de elementos de terras raras em Minaçu e duas fábricas de cimento, sendo uma da Votorantim Cimentos (que recém iniciou operação) e outra do grupo CPX, programada para ser instalada no município de Formosa.

A maior parte dos empreendimentos do setor mineral que estão se instalando em Goiás tem recebido apoio importante do governo estadual, seja via aportes financeiros, através do Funmineral, seja tecnológico, através do Centro de Desenvolvimento de Tecnologia Mineral, ou institucional, via SECIMA (secretaria estadual de Meio Ambiente), para agilização dos processos de licenciamento ambiental.

Em termos de apoio financeiro, o Funmineral concedeu financiamentos da ordem de R\$ 3,5 milhões em 2015, para projetos de bauxita, cerâmica, areia e rochas ornamentais, sendo que a maior parcela (R\$ 1,8 milhão) foi concedida para a Mineração Santo Expedito. Trata-se de uma linha de financiamento subsidiada, com juros de 6% ao ano e prazo de sete anos, sendo dois de carência, mas limitada a um montante de R\$ 2 milhões por empresa. Tasso Mendonça explica que para fazer jus a essa linha “primeiramente o interessado apresenta uma carta-consulta, para saber se o projeto se enquadra nos parâmetros de financiamento. Uma vez enquadrado, o interessado apresenta um projeto com estudo de viabilidade financeira e técnica, e depois isto é levado ao conselho, com um parecer do fundo, que dá a aprovação final”. Havendo disponibilidade financeira, o projeto é repassado à agência de fomento, que libera o financiamento mediante garantias. O superintendente explica, no entanto, que está sendo estudada uma mudança nas regras do financiamento, para que os projetos possam ser apoiados através da Companhia de Desenvolvimento de Goiás, que foi criada há pouco tempo. A ideia é poder atuar no apoio aos projetos ainda na fase de maior risco, ou seja, ainda na etapa de pesquisa (levantamento de dados etc). Porque até então o Funmineral tinha atuado sempre na fase de implantação e produção. Agora, o governo quer investir um pouco mais na base, isto é, na fase inicial dos projetos”, diz Tasso, acrescentando que o Funmineral também continua apoiando o artesanato mineral, com cursos e financiamento, e está começando a investir mais firmemente na divulgação de geoinformações. Segundo ele, estão sendo escaneadas todas as informações técnicas da antiga Metago, que vão ser colocadas à disposição dos mineradores. A Metago (Metais de Goiás) era uma companhia do estado que desenvolvia pesquisas minerais e tecnológicas, tendo descoberto alguns depósitos importantes de minerais no território goiano, que foram em sua maioria arrendados para companhias privadas, que pagam royalties pela exploração ao estado. Hoje o Funmineral recebe royalties resultantes dos contratos de arrendamento dessas áreas

que pertenciam à Metago. Com a criação da Companhia de Desenvolvimento de Goiás, os ativos passaram para a mesma, que vai adotar uma forma de gestão diferente e possivelmente licitar duas ou três áreas remanescentes do portfólio da antiga Metago. São áreas de calcário e areia, basicamente. Porém a CDG vai gerir não só ativos da área mineral mas também parques industriais e parcerias do estado com a iniciativa privada. Trata-se de uma empresa de economia mista, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento e que usa a antiga estrutura da Goiás Industrial, à qual foram acrescentados os ativos da Metago.

A perspectiva para os próximos anos é que o setor mineral deverá continuar contando com o apoio financeiro do governo estadual. No Plano de Desenvolvimento Estratégico, com ações a serem executadas até 2019, estão previstos recursos de R\$ 20 milhões para o financiamento à cadeia produtiva mineral, incluindo o aporte financeiro para a pesquisa mineral.

Na parte tecnológica, o projeto de maior destaque é o da Mineração Serra Verde, considerado como um dos principais projetos de pesquisa em terras raras no País. Através de um acordo de cooperação com o governo, toda a pesquisa está sendo feita em Goiás. De acordo com Tasso Mendonça a empresa já conseguiu separar elementos de terras raras e bloqueou reservas importantes dentro do projeto. Atualmente o projeto está na fase de definição de como será feita a Lavra, ao mesmo tempo em que iniciou o processo de licenciamento, com marcação de audiência pública. No caso da Serra Verde o licenciamento é mais complicado, porque envolve o Ibama.

Quando o licenciamento é feito no âmbito estadual, o governo tem dado apoio, através de uma cooperação com a Secretaria de Meio Ambiente. “Isto aconteceu, por exemplo, no licenciamento dos projetos da Five Star e da Orinoco, que receberam licença de forma expedita e rápida. Além disso, foram dados incentivos fiscais, através do ICMS, para importação de equipamentos da planta. Isto permitiu que os projetos iniciassem mais rapidamente”, acentua Tasso Mendonça.

As facilidades que o governo tem oferecido para implantação dos projetos, tanto em termos de incentivos fiscais, parcerias para desenvolvimento tecnológico e no licenciamento ambiental, têm chamado a atenção dos investidores. “Goiás encara o setor a sério. Faz exigências quanto à proteção do meio ambiente, mas não coloca obstáculos aos projetos sustentáveis. E as respostas têm sido dadas aos empresários com celeridade. Tanto que as empresas têm se mostrado satisfeitas com o tratamento que temos dado à questão”, observa o dirigente.

Além desses pontos, ele destaca a questão dos recursos humanos, lembrando que Goiânia abriu recentemente um curso de Geologia que, somado ao de Catalão e junto também com o IFG (que forma técnicos em mineração e geologia), possibilitam às empresas poder contar com suporte em termos de mão de obra no estado.

Geologia

Em termos de conhecimento da geologia, o estado de Goiás também se destaca. No que diz respeito aos terrenos pré-cambrianos, por exemplo, 60% do território do estado está levantado e as informações disponibilizadas, com exceção de uma área cujos dados a CPRM ainda não disponibilizou. A parte remanescente, que inclui o Distrito Federal, deverá ser levantada pela CPRM.

Tasso Mendonça disse que o estado pretende retomar os levantamentos geológicos básicos, mas aguarda uma posição da superintendência regional da CPRM, que tem dado prioridade aos estados de Tocantins e Mato Grosso, que são áreas menos conhecidas. “Porém, o Funmineral fez uma parceria com a CPRM para concluir os trabalhos do projeto de materiais de construção da região metropolitana de Goiânia e está apenas aguardando a publicação do relatório. Não obstante, os técnicos da superintendência de mineração da Secretaria de Desenvolvimento estão trabalhando num acordo de cooperação para outro projeto, que vai fazer o mapeamento e caracterização das argilas da formação Corumbataí, no sudoeste do estado, com o objetivo de gerar um polo cerâmico parecido com o de Santa Gertrudes, em São Paulo. Lá existem as argilas que precisam ser mapeadas, caracterizadas e queremos incentivar as empresas a se instalar na região”.

Um outro projeto destacado pelo superintendente é aquele que prevê uma integração e interpretação dos dados de mapeamentos aerogeofísicos e de geologia com os dados geoquímicos e geológicos com vistas a apoiar a prospecção mineral. Para tanto, vai ser contratada uma empresa especializada, que se encarregará desse trabalho de integração e interpretação.

Há também um projeto em parceria com a Embrapa, para se realizar um mapeamento agrogeológico, ou seja, fazer uma caracterização do solo a partir da geologia e ver as necessidades de nutrientes e estudar fontes alternativas de fertilização de solos como rochas que possam ter esses macronutrientes - um programa de rochagem – junto com resíduos da agroindústria, que também contêm alguns macronutrientes. “Portanto, haverá um programa de conhecimento agrogeológico do solo e mais um programa de fertilização e conservação de solo baseado no calcário e outras rochas. O assunto já está bastante evoluído dentro da Embrapa e a ideia da superintendência de Mineração é embarcar nesse projeto, porque uma das grandes demandas do Cerrado é justamente o problema de conservação das áreas degradadas com outras culturas da agricultura”, afirma o superintendente.

Vocação geológica

No que se refere à vocação geológica do território goiano, Tasso Mendonça considera que o estado tem maior potencial para o ouro, em função da vocação dos greenstones -- que embora não tenham apresentado grandes conteúdos de sulfetados com metais básicos mostrou grande potencial para ouro, como acontece em Crixás, Pilar de Goiás, Faina e outros depósitos como Mara Rosa e Alto Horizonte.

Outras vocações são o níquel, cuja produção já é consolidada no estado, o nióbio (do qual Goiás é o segundo maior produtor, atrás de Minas Gerais) o fosfato (essencial para a agricultura) e a vermiculita, que é outro bem mineral importante para Goiás. Mas também tem importância o calcário (outro insumo fundamental para a agricultura), o diamante (não apenas na região sudeste do estado como também no sudoeste, próximo ao Araguaia, onde inclusive há ocorrências de rochas alcalinas de natureza kimberlítica e que poderá vir a ser um potencial). E por fim o amianto, que já é um bem tradicional na cesta de minerais produzidos no território goiano.

Na parte do níquel, entretanto, o estado sofreu um revés, recentemente, quando a Votorantim anunciou a suspensão das operações em Niquelândia. O comunicado da empresa afirma que as operações devem se manter paralisadas até

que os preços do níquel se recuperem, o que não deve ocorrer em curto prazo, segundo as previsões.

Já a Anglo American anunciou que está colocando à venda seus empreendimentos em Barro Alto e Niquelândia.

Pelo lado do amianto crisotila, do qual Goiás é o único produtor brasileiro, através da SAMA, foi registrada uma redução de 9,8% nas vendas no ano de 2015, comparado ao volume comercializado em 2014 – devido especialmente à crise econômica do Brasil e nos países onde a empresa tem as maiores participações de mercado. Em razão disso, a SAMA teve que reduzir em 25% a produção no segundo semestre do ano passado, com o objetivo de alinhar os volumes de estoques com as vendas”.

Para 2016, a empresa deverá manter os mesmos os níveis de produção do segundo semestre de 2015, da ordem de 200 mil toneladas de fibra, e os investimentos estarão concentrados no desenvolvimento de processo e manutenção industrial, “buscando a melhoria dos indicadores de produtividade”.

Fonte : Revista Brasil Mineral nº358

Data: Janeiro / Fevereiro 2016



RIACHO DOS MACHADOS DEVE PRODUZIR 100 MIL ONÇAS DE OURO POR ANO EM 2018

A Yamana confirmou, na semana passada, a aquisição da mina de ouro Riacho dos Machados (RDM), em Minas Gerais, junto à Carpathian Gold, por cerca de US\$ 48,5 milhões. O ativo será incorporado ao portfólio da subsidiária Brio Gold, que aumentará a produção anual para 250 mil onças de ouro. A expectativa da Yamana é que RDM produza 55 mil onças em neste ano, 85 mil em 2017 e 104 mil em 2018.

A mina é operada pela antiga subsidiária da Carpathian, a Mineração Riacho dos Machados (MRDM). Neste ano, a mina de ouro deve produzir 55 mil onças, sendo que 30 mil serão atribuíveis à Yamana, considerando que o volume será contado de maio a dezembro deste ano. As informações são do relatório preliminar de resultados operacionais da mineradora, publicado hoje (11).

A Yamana disse que RDM tem enfrentado problemas para produzir em máxima capacidade devido à escassez de água na região de Riacho dos Machados (MG). A capacidade atual da planta é de 7.500 toneladas por dia, para uma produção anual média de 94,5 mil onças de ouro. Neste ano, o custo operacional deve ser de US\$ 830 por onça e o custo total de US\$ 930 por onça em RDM.

De maio a dezembro deste ano, a expectativa é que sejam processadas 1,25 milhão de toneladas, cerca de 3.575 por dia, com uma recuperação de 84%, para um total de 30 mil onças em RDM. No ano que vem, a projeção é de 2,55 milhões de

toneladas de minério processadas, ou 7.285 por dia, com recuperação de 90%, para um total de 85 mil onças de ouro.

Em 2018, a Yamana quer expandir a capacidade máxima da planta de processamento para 9 mil toneladas por dia. Dessa forma, a mineradora espera processar 3 milhões de toneladas em 2018, ou 8.570 por dia, com recuperação de 90%, para um total de 104 mil onças de ouro. A produção total da Yamana, considerando todas operações globais, incluindo a Brio, subiria para 1,45 milhão de onças de ouro depois do ano que vem.

A produção da Brio Gold chegará a 250 mil onças de ouro por ano, volume que pode aumentar para 350 mil onças caso a mina C1 Santaluz, na Bahia, volte a operar. A Yamana não confirma a retomada, mas prevê investimentos altos para restabelecer a produção no ativo brasileiro. A produção atual da Brio é proveniente das minas Pilar, em Goiás, e Fazenda Brasileiro, na Bahia. A Yamana produz em Chapada, em Goiás, e Jacobina, na Bahia.

A mina Riacho dos Machados tem mais sete anos de vida útil, segundo a Yamana. As reservas provadas e prováveis são de 18,86 milhões de toneladas, com 1,16 grama de ouro por tonelada, para 711 mil onças contidas. Os recursos medidos e indicados são de 6,96 milhões de toneladas, com 0,85 g/t e 190 mil onças de ouro, e os recursos inferidos de 8,55 milhões de toneladas, com 1,51 g/t de ouro, para 416 mil onças.

Fonte : Notícias de Mineração

Data: 11/04/2016



GOVERNO LIBERA CRÉDITOS DO ICMS E MIRABELA MANTÉM ATIVIDADES DA MINA SANTA RITA

O Governo do Estado fechou acordo no final da tarde desta segunda-feira (21) com a Mirabela Mineração, empresa sediada em Itagibá, na região do Médio Rio de Contas, que explora níquel na mina Santa Rita.

Durante a reunião na Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE), o acordo foi selado entre representantes da Mirabela, sindicalistas, parlamentares e o secretário Jorge Hereda. A empresa concordou com a proposta do governo sobre a devolução dos créditos tributários. "O governador é um dos grandes responsáveis por esse acordo sair. Além da Mirabela, todos cederam e conseguimos, dentro da responsabilidade, garantir a manutenção das atividades", explicou o secretário.

A única modificação que a empresa pretende fazer é terceirizar os funcionários da área de transporte, mas Milson Múndin, diretor financeiro da Mirabela, garante que vai aproveitar os trabalhadores nos cargos e aumentar o número de postos de trabalho.

"Caso a mineradora paralisasse as atividades só o comércio de Ipiaú perderia R\$ 1 milhão em circulação. Isso significaria um caos com desemprego em massa", declarou o deputado estadual Eduardo Salles.

Milson Mundin e o representante de 98,5% dos acionistas da Mirabela, Doug Flannery, que veio de Nova Iorque para a reunião, explicaram que a empresa pretende explorar o níquel laterítico em 2017, gerando mais 200 postos de trabalho.

Fonte : CBPM

Data: 22/03/2016



MPF SUGERE AO DNPM QUE APROVE SÓ PLANOS DE MINERAÇÃO ECOLÓGICOS

Recomendação prevê que rejeitos sejam reaproveitados progressivamente.

Decisão foi motivada pelo desastre ocorrido em Mariana no ano passado.

O Ministério Público Federal de Minas Gerais (MPF) recomendou ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) que aprove planos de mineração com destinação ecológica de resíduos. O Plano de Aproveitamento Econômico (PAE) é um documento obrigatório para o funcionamento de lavras de minério de ferro.

A decisão do MPF foi motivada pela tragédia provocada pelo rompimento da barragem de Fundão, pertencente à Mineradora Samarco, em Mariana, na Região Central de Minas Gerais. O desastre aconteceu no dia 5 de novembro, destruindo o distrito de Bento Rodrigues, deixando centenas de desabrigados.

Dezenove pessoas morreram. O último corpo a ser encontrado foi o de Ailton Martins dos Santos, de 55 anos. Ele foi localizado no dia 9 de março. O corpo de Edmirson José Pessoa, de 48, funcionário da Samarco, ainda está desaparecido.

A lama gerada pelo rompimento atravessou o Rio Doce e chegou ao mar do Espírito Santo. No percurso do rio, cidades tiveram de cortar o abastecimento de água para a população em razão dos rejeitos.

De acordo com o procurador Eduardo Henrique De Almeida Aguiar, o "aproveitamento dos resíduos sólidos da mineração é fundamental para o desenvolvimento sustentável, uma vez que reduz o custo ambiental da atividade".

A recomendação diz que o DNPM deve exigir que o empreendimento providencie o reaproveitamento progressivo de resíduos, começando com 5% em 2016 até atingir os 70% em 2025.

"A lavra que não preveja em seu processo a destinação ambientalmente adequada dos resíduos da mineração é prejudicial ao interesse público, uma vez que

não observa os princípios constitucionais relativos à preservação do meio ambiente como os princípios do desenvolvimento sustentável e da prevenção do dano ambiental”, defende o procurador da República Eduardo Henrique de Almeida Aguiar, que integra a força-tarefa.

Para o MPF, os rejeitos podem ser aproveitados na construção civil, como brita, cimento, tijolos e revestimentos.

O DNPM informou que a recomendação já está sendo analisada. O órgão tem menos de 10 dias úteis para se manifestar.

Fonte : G1

Data: 29/03/2016



BEADELL FINALIZA CAMPANHA DE SONDAGEM DE 6.000 METROS NO AMAPÁ

A Beadell Resources publicou nesta quarta-feira (30) novos resultados da campanha de sondagem de circulação reversa realizada na área TAP AB1, que faz parte do veio Through, na mina de ouro Tucano, em Pedra Branca do Amapari (AP). A mineradora australiana identificou uma nova mineralização oxidada com alto teor de ouro.

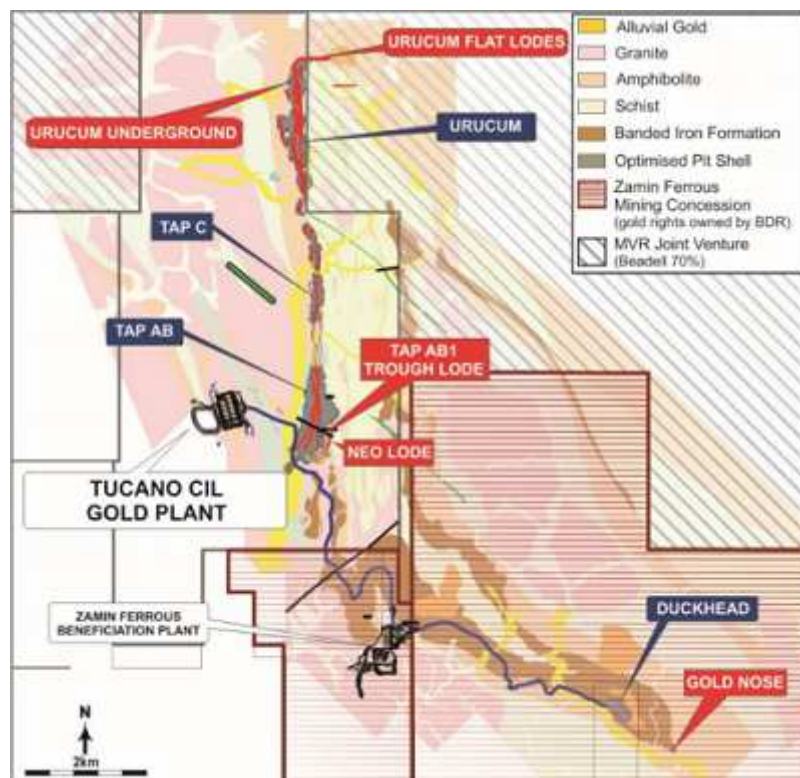
Em comunicado ao mercado, a companhia disse que avalia estender as operações da cava no veio em que TAP AB1 faz parte, de forma que combinaria os potenciais recursos de outros dois veios na mina de Tucano. A campanha de sondagem de circulação reversa abrangeu 79 furos em uma área de 6.129 metros.

“Os novos resultados do veio TAP AB1 são altamente encorajadores e reforçam o potencial para a continuidade de mineralização de alto teor similar [a de outros veios] na direção do corpo mineral”, disse a Beadell no comunicado de hoje (30). O material extraído para produção em outra área do veio Through, chamada de TAP AB2, que apresentou um dos maiores teores do corredor de sete quilômetros de Tucano que foi enviado para a planta.

Os resultados da sondagem incluem interseções de 64 metros com teor de 4,22 gramas de ouro por tonelada (g/t); 40 metros com 2,17 g/t; 15 metros com 7,53 g/t; sete metros com 13,26 g/t; 11 metros com 8,88 g/t; dez metros com 9,29 g/t; 14 metros com 7,39 g/t; 29 metros com 8,16 g/t; 13 metros com 6,06 g/t; e 33 metros com 31,82 g/t.

Em um dos intervalos nessas interseções, a mineradora australiana identificou nove metros com teor de 97,37 g/t de ouro e dois metros com 386,51 g/t de ouro.

A Beadell disse, no comunicado de hoje, que pretende realizar mais campanha de sondagem na área Tap AB1 do veio Through, que permanece aberto em profundidade. A mineradora afirmou que publicará novos resultados da campanha de sondagem de circulação reversa de 6 mil metros em breve.



Fonte : Notícias de Mineração

Data: 30/03/2016



VALE DEVE SEPARAR ÁREA DE FERTILIZANTES E ATRAIR "PARCEIRO ESTRATÉGICO"

Uma das transações mais esperadas pelo mercado dentro do portfólio da Vale poderá, finalmente, ser fechada este ano. No mercado, todos os sinais indicam que, no segundo semestre de 2016, a divisão de fertilizantes deverá ser separada do restante da empresa e ter uma participação vendida a um "parceiro estratégico" - a norueguesa Yara, uma das maiores do mundo no segmento, é apontada como a principal candidata. O **Valor** apurou que a mineradora deverá se desfazer de uma fatia minoritária, na faixa de 40%, e manter, pelo menos em um primeiro momento, o controle do negócio.

Especialistas estimam que o valor da divisão de fertilizantes da Vale poderá variar de US\$ 2 bilhões a US\$ 3 bilhões. Se o "teto" prevalecer e a participação vendida for mesmo de 40%, a Vale poderá embolsar US\$ 1,2 bilhão. Procurada, a Vale preferiu não comentar. Em nota, a Yara, que já tem posição de destaque no mercado brasileiro de fertilizantes, afirmou "que está aberta a oportunidades que possam surgir no mercado", mas que, por ora, não há nada concreto.

Vale Fertilizantes

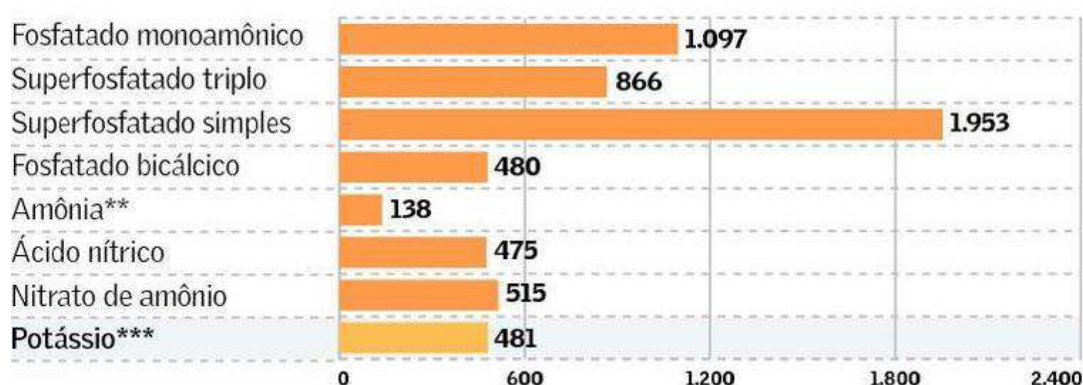
Perfil da divisão

Ativos de rocha fosfática

Minas - Produção em 2015 (mil toneladas)

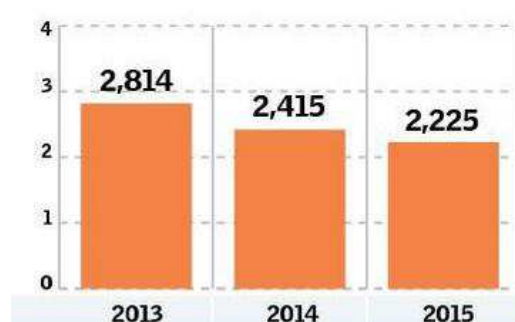


Produtos - Produção em 2015 (mil toneladas)

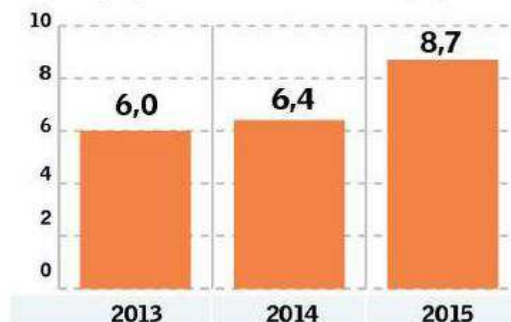


Receita operacional líquida - (US\$ bilhões)

Valor



Participação na receita total (%)



Fonte: Relatório 20-F, Vale. * Operação suspensa no terceiro trimestre de 2015. ** Depois da venda de Araucária, em junho de 2013, a empresa passou a produzir amônia apenas na planta de Cubatão (SP) e deixou de produzir ureia. *** Exploração na mina de Taquari-Vassouras (SE)

Fontes do segmento confirmam que o plano da mineradora é criar uma nova empresa reunindo seus ativos e projetos de fertilizantes. Essa nova sociedade

reuniria os ativos de potássio e rocha fosfática que hoje estão sob o guarda-chuva da Vale Fertilizantes, uma divisão dentro da companhia. O atual diretor-executivo de carvão e fertilizantes da Vale, Roger Downey, é apontado como o possível presidente dessa nova companhia.

Não é de hoje que o objetivo da Vale nos fertilizantes é encontrar um sócio para construir um negócio maior e mais rentável. Embora a administração da Vale sempre enfatize que os adubos estão dentro das "prioridades" da empresa, analistas sempre consideraram seu desempenho frustrante. Havia uma expectativa de que se a Vale investisse mais no segmento, a crônica dependência dos agricultores de insumos importados, que supera 70% da demanda, pudesse diminuir. Mais isso não aconteceu.

Em 2015, a Vale Fertilizantes até registrou melhorias de vendas e na frente operacional, com reduções de custos, e esses resultados tiraram um pouco da pressão para que a mineradora vendesse logo uma participação na divisão, uma estratégia discutida há pelo menos três anos. As difíceis condições de mercado no ano passado, marcado por uma demanda doméstica mais fraca, também passaram a ser encaradas como um desestímulo para um eventual novo sócio.

Mesmo assim, segundo fontes do mercado, no processo de discussões surgiram vários interessados na divisão de fertilizantes da mineradora brasileira. Embora a Yara sempre tenha sido apontada como uma forte candidata, outros players, entre os quais grupos árabes, também mostraram interesse no negócio.

Nos resultados da Vale em 2015, os fertilizantes foram um dos segmentos com bom desempenho. A divisão registrou uma receita operacional líquida de US\$ 2,2 bilhões, o que correspondeu a 8,7% da receita total da mineradora no exercício. Em 2014, a participação havia sido de 6,4%.

O segmento de fertilizantes da Vale registrou lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) de US\$ 567 milhões no ano passado, mais que o dobro que em 2014 (US\$ 278 milhões). O aumento no Ebitda foi resultado do impacto positivo do câmbio, de iniciativas de cortes de custos e de reduções de despesas, além de ganhos nos preços realizados como resultado direto de iniciativas comerciais.

Mas a transação envolvendo os fertilizantes ganhou importância para a Vale por conta das atuais dificuldades da empresa, que tem uma alta alavancagem financeira e a meta de reduzir em US\$ 10 bilhões sua dívida líquida em um período de 18 meses. Entre analistas, há quem considere a meta de redução da alavancagem factível de ser cumprida. Mas há também quem considere a tarefa "difícil". Nesse cenário, e com os preços das commodities minerais e metálicas deprimidos, o fechamento de uma parceria nos fertilizantes é estratégica para a Vale. A companhia colocaria dinheiro em caixa e passaria a contar com um sócio focado no segmento para engordar o negócio. *(Colaborou Mariana Caetano)*

Autor(es): Francisco Góes

Fonte : Valor Econômico

Data: 06/04/2016



QUEM DISSE QUE A MINERAÇÃO PAROU?

“Este é o momento certo para investirmos, porque quando hoiver a retomada da mineração estaremos bem posicionados junto aos nossos clientes e em vantagem sobre os nossos concorrentes”. A frase, de um dirigente de uma das empresas líderes que atuam na cadeia de fornecimento para a indústria mineral, é um bom exemplo da postura que deve ser assumida por aqueles que efetivamente são do setor e que se diferenciam daqueles que estão no setor.

Quem é do ramo sabe que a indústria mineral é cíclica, que os períodos de baixa se alternam com aqueles de alta e que tudo em mineração é de médio ou longo prazo. Não há espaços para imediatismos nem para improvisações, mesmo porque qualquer projeto de mineração, além de ser de alto risco, envolve bastante dinheiro. E aqui talvez esteja hoje o grande drama da indústria mineral: para realizar investimentos, a maior parte da mineração depende da alavancagem de recursos no mercado financeiro, onde a lógica é ganhar o máximo que se possa, no menor prazo possível. E de preferência sem correr riscos. Mas o prazo de maturação dos projetos de mineração não é compatível com essa lógica do mercado financeiro.

Ao nosso ver, o boom de demanda provocado pelo crescimento da economia chinesa de certa forma foi ruim para a indústria de mineração. Primeiro, porque levou os preços das commodities a patamares nunca antes imaginados, estimulando um crescimento da oferta em ritmo bastante acelerado, quebrando paradigmas e criando distorções no mercado. Essa necessidade de crescer de forma acelerada inflacionou sobremaneira os custos dos projetos e de certa forma criou a mentalidade imediatista, tanto do ponto de vista econômico quanto técnico. De um momento para outro, não importava muito quanto um projeto iria custar nem como ele seria implantado. O importante era que começasse a produzir o mais rapidamente possível. Todo mundo estava surfando na onda do boom das commodities minerais e alguns chegaram a crer que esse boom duraria muitos anos, que a lógica do mercado havia mudado, que os ciclos de altas e baixas tinham dado lugar a um crescimento continuado. Que a demanda chinesa se manteria por décadas, sustentando os preços.

Só que a casa caiu. A China reduziu seu ritmo de crescimento, a demanda mundial se retraiu e os preços tenderam para níveis mais equilibrados. Ou seja, a mineração mundial voltou à normalidade. Isto não quer dizer, entretanto, que o setor parou ou vai parar. A mineração vai continuar crescendo, a taxas mais históricas, a níveis mais modestos. Quem é do ramo deve se preparar para esse novo momento. E quem está, se quiser ficar terá que mudar de mentalidade. Aqueles que ficarem parados, “esperando sentados à beira do caminho”, podem até se manter, mas estarão bastante fragilizados e enfraquecidos.

Autor(es): Francisco Alves

Fonte : Revista Brasil Mineral nº 358

Data: Janeiro/ Fevereiro 2016



IBAMA: URÂNIO EM ÁGUAS DE POÇO NA BAHIA É DE ORIGEM NATURAL E NÃO TEM RELAÇÃO COM AS ATIVIDADES DA INB

A partir de estudos e análises sobre as condições da geologia e da hidrologia da região de Caetité e dos programas de monitoramento ambiental e radiológico desenvolvidos pela Unidade de Concentrado de Urânio das Indústrias Nucleares do Brasil (INB), o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) concluiu que os teores de urânio detectados nas águas de poço na localidade de Varginha, município de Lagoa Real (BA), são provenientes do ambiente geológico em que se insere.

O órgão ambiental assegura, em parecer enviado à INB, que "o problema da ocorrência de urânio no poço tubular objeto de investigação não apresenta relação com as atividades minerárias e industriais na INB Caetité, mas sim com os condicionantes geológicos e geoquímicos locais, notadamente, caracterizados pela presença de rochas mineralizadas em urânio". E que estão "sanadas as dúvidas em razão da ocorrência de urânio ultrapassando os limites legais".

O parecer do IBAMA corrobora estudos elaborados pela INB reunidos no relatório "Considerações geológicas - estruturais e hidrogeológicas", que trata, dentre outros temas, da geologia da região, das bacias hidrográficas, de dados geológicos e geoquímicos das rochas onde se localiza o poço e da avaliação integrada de fatores ambientais.

Além desse material o IBAMA também se apoiou em estudos científicos publicados pelas seguintes entidades e veículos de divulgação científica: Serviço Geológico do Brasil - CPRM, Instituto de Geociências da Universidade de Brasília, Associação Brasileira de Águas Subterrâneas, Revista Brasileira de Ciências Ambientais e Journal of Environmental Management.

Em seu parecer, o órgão concorda que não existe interligação entre a bacia hidrográfica onde se situa a INB Caetité e aquela onde se encontra o poço em questão, o que inviabiliza a possibilidade de contaminação das águas em decorrência das atividades de mineração. O IBAMA observa que o poço foi perfurado em local onde existe uma jazida natural de urânio (anomalia 7), portanto a fonte dos teores de urânio no poço tubular não é externa, mas originária do próprio local no qual foi perfurado.

Entenda o caso

O IBAMA solicitou os estudos após a publicação de uma série de reportagens do jornal O Estado de São Paulo, que relacionavam a presença de urânio nas águas do poço perfurado na propriedade do Sr. Osvaldo Antônio de Jesus, na localidade de Varginha, na zona rural de Lagoa Real, às atividades da Unidade de Concentrado de Urânio da INB, implantada no município vizinho de Caetité.

O poço, perfurado pela Companhia de Engenharia Hídrica e de Saneamento do Estado da Bahia, está localizado na região da Fazenda Modesto, a 16 km em linha reta da INB e em sub-bacia hidrográfica diferente daquela onde se situa a unidade de

mineração; por isso o poço não está incluído no Programa de Monitoramento Ambiental da INB Caetité.

Águas subterrâneas e a Província Uranífera de Lagoa Real

A Província Uranífera de Lagoa Real se encontra em área da região sudoeste da Bahia onde foram identificadas, até o momento, 38 depósitos/jazidas de urânio, as chamadas "anomalias". De acordo com a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), em decorrência dessas anomalias "é bastante provável a presença de urânio de ocorrência natural nas águas subterrâneas desta região, fato este que ocorre normalmente em todas as áreas da crosta terrestre que apresentam tais características".

Antes do início das atividades da INB em Caetité, as águas dos poços que se encontram na área de influência do empreendimento foram analisadas, e, com o resultado dessas análises, se construiu uma base de dados sobre as concentrações encontradas naturalmente na região. Desde o início da operação, a INB desenvolve na área o Programa de Monitoração Radiológica Ambiental, que tem como objetivo avaliar se as atividades de mineração alteram os teores de urânio no meio ambiente. Este programa é acompanhado e analisado pela CNEN.

A Comissão Nacional de Energia Nuclear assegura, em nota técnica, que até a presente data, o Programa "não demonstrou alteração dentro das médias históricas nas concentrações de radionuclídeos nos diferentes compartimentos ambientais monitorados, incluindo neste caso as águas subterrâneas dentro da área de influência do empreendimento".

Fonte : CBPM

Data: 08/04/2016



SAYONA FINALIZA SONDAGEM INICIAL EM PROJETO DE GRAFITA NA BAHIA

A Sayona Mining informou hoje (5) que concluiu a campanha inicial de sondagem rotoperfussiva em circulação reversa no projeto de grafita Itabela, na Bahia. A mineradora australiana assinou em agosto de 2015 uma opção para adquirir o empreendimento da Brasil Grafite por US\$ 3,5 milhões.

Foram abertos 49 furos de sondagem em uma área total de 2.440 metros. A campanha foi realizada nos alvos São Manuel e São Ruben, que fazem parte de Itabela. As informações são de comunicado enviado ao mercado nesta terça-feira.

De acordo com a Sayona, o objetivo da campanha de sondagem era testar o teor, a extensão e profundidade da mineralização conhecida nos dois alvos do projeto de grafita. A mineradora australiana também quer validar os dados de ensaios de pesquisas antigas realizadas em Itabela.

Os testemunhos foram enviados para laboratórios pela Sayona. Os resultados e análises devem ser divulgados no fim deste mês, segundo a empresa. A campanha de sondagem teve início em 29 de fevereiro deste ano.

A Brasil Grafite, que detém 100% do empreendimento, permanece com um royalty de 2% sobre a produção vendida, chamado de net smelter return. Segundo a Sayona, Itabela está em fase avançada, de forma que pretende colocar o projeto em produção rapidamente, concluindo um estudo de viabilidade e obtendo as licenças necessárias dentro de 12 a 18 meses.

Um estudo técnico sobre o projeto Itabela, publicado em 2012 pela Frontera Minerals, aponta recursos inferidos de 3,7 milhões de toneladas de minério e recursos indicados de 3,7 milhões de toneladas, com 2,3% de carbono grafítico (Cg), com 700 mil toneladas contendo Cg.

A produção anual estimada para o projeto é de 18 mil toneladas por ano nos primeiros quatro anos e de 36 mil, posteriormente, até o fim da vida útil da mina, que é projetada em 23 anos, segundo dados da apresentação da Frontera. A Sayona disse que os testes da planta piloto apontaram altos teores, que podem ser atingidos por meio de tecnologia de flotação.

A Sayona é uma mineradora listada na Australian Securities Exchange (ASX), voltada para o desenvolvimento de ativos com alta pureza de grafita, que possui demanda de setores emergentes de novas tecnologias.



Fonte : Notícias de Mineração

Data: 05/04/2016



A MINERAÇÃO E OS CICLOS ECONÔMICOS: DEVEMOS SER OTIMISTAS?

Se a ciência econômica é feita de ciclos positivos e negativos, a mineração é, com certeza, o segmento que mais sofre com isso, principalmente no Brasil, um país cuja segurança jurídica mineral ainda é bastante frágil.

A mineração brasileira, após anos de altos e baixos, teve, com o Plano Real, um forte impulso, com o desenvolvimento de projetos robustos e, ao mesmo tempo, o início da reconstrução de uma infraestrutura adequada, que estava abandonada por anos a fio. O surgimento da África como uma nova fronteira de exploração mineral e da China como grande potência consumidora, aliada ao desenvolvimento tecnológico, a inovação e a preocupação com a sustentabilidade, trouxe um avanço excepcional à mineração como um todo.

Com isso, a indústria da mineração brasileira teve uma excelente expansão, acompanhando o boom mineral da economia mundial. A partir de 2007, a exportação dos produtos minerais - excetuando o petróleo e o gás - representava o equivalente a 25%, do superávit da balança comercial brasileira. Um dos fatores desse crescimento, que beneficiou a explosão dos preços das commodities, foi a maior demanda pelos produtos minerais, ocasionada pela retomada do crescimento internacional de alguns países como a China. O consumo de minério de ferro foi tão intenso, nesse período, que a exaustão das reservas existentes começou a ocorrer numa rapidez muito grande.

Este ciclo das commodities em alta teve seu pico entre 2008 e 2010, começando a diminuir, no entanto, a partir de 2011 e despencou em 2013/2015. A partir de então, com a demanda em queda, devido a uma crise que levou a sociedade a procurar cada vez menos matérias-primas, bem como, com a convivência com uma exploração que tem que respeitar fortemente o meio ambiente, a mineração entra em mais um ciclo desanimador.

O panorama do setor mineral muda, então, radicalmente e a indústria brasileira vê encolher sua fatia no bolo da mineração global, afastando-se dos picos de produção registrados em passado recente. Com isso, o Brasil vem perdendo participação para seus concorrentes, até em produtos tradicionais, como o minério de ferro. A indústria de transformação brasileira, que em 1965, tinha quatro vezes mais produtividade do que a coreana, e um terço da americana, estagnou. Hoje, os Estados Unidos são cinco vezes mais produtivos do que nós e a Coreia já tem mais que o dobro do rendimento brasileiro.

Essa estagnação se deve, entre outros, ao fato do empresário ter reduzido seu investimento, tornando as pesquisas menos efetivas, sempre à espera da ajuda do Estado. Eles continuam com uma visão muito conservadora, focada apenas em ganhos unilaterais e em curto prazo, e isso torna cada vez mais difícil à criação de um ambiente propício a inovação.

Atualmente são inúmeros os fatores que estão comprometendo o potencial brasileiro no setor mineral, destacando-se a baixa capacitação de mão de obra, a fraca infraestrutura e, principalmente, o pior de tudo, a crise política/econômica e a demora na aprovação do Marco Regulatório da Mineração.

Cabe à mineração brasileira, portanto, sobreviver a esse contexto ruim, assimilando a queda dos preços das commodities no mercado internacional e superando os problemas internos. É possível vencer esses desafios? Sim, focando em investimentos pontuais e em ajustes operacionais, dando tempo ao tempo, como é normal na mineração. Mas é necessário que o Brasil saia da sua eterna inércia.

O que vemos atualmente é que os investidores estão cautelosos com relação à indefinição da lei mineral e a situação política e econômica. Ninguém entra no jogo onde a regra pode mudar a qualquer momento. A falta de clareza gera imprevisibilidade nos negócios, aumenta a dificuldade de se estimar lucros e arrecadação com os royalties, de planejar gastos. Como consequência, menos investimentos externos e internos das empresas, retração do potencial que o país tem em recursos naturais, afetando também a cadeia de suprimento. Questões como dificuldades com licenciamento ambiental, limitações de logística, suspensão de outorgas estão também agravando ainda mais a situação.

Paralelo a tudo isso, o nível de crescimento industrial global continua desaquecido. A expectativa de desenvolvimento da China, principal compradora de minério de ferro brasileiro e segunda maior economia do mundo, está menor do que esperado. A perda de vigor marcou o fim do chamado Superciclo das Commodities, que beneficiou a economia brasileira até 2008. Acreditamos, no entanto, que, apesar de estarmos vivendo um momento singular na indústria brasileira da mineração, isso irá passar em médio prazo.

Temos, portanto, que sair dessa inércia, pois seus reflexos serão sentidos daqui a cinco, dez anos, quando o mercado estiver aquecido, principalmente com a entrada da Índia, um futuro forte mercado demandador de matérias-primas.

Nesse sentido é que o Estado da Bahia, através da CBPM, tem desenvolvido pesquisas em ambientes propícios a novas mineralizações, contribuindo assim para a retomada do novo ciclo de desenvolvimento mineral que está por vir e, nesse sentido, continuamos otimistas em relação ao futuro mineral baiano e brasileiro.

Autor(es): Rafael Avena Neto - Diretor Técnico da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM)

Fonte : Bahia Econômica

Data: 05/04/2016



BBX CONFIRMA GRANDE ZONA COM MINERALIZAÇÃO DE OURO EM PROJETO NO AMAZONAS

A BBX Minerals informou hoje (11) que os resultados da amalgamação das amostras extraídas no alvo Guida, que faz parte do projeto Juma Leste, em Apuí (AM),

confirmaram a existência de uma ampla zona de mineralização de ouro. As amostras são do furo de sondagem JED-006, que apontaram interseção de 119,44 metros com teor de 0,73 grama de ouro por tonelada.

A amalgamação foi realizada em 39 amostras com quatro metros, que foram combinadas e tratadas como uma (composite sampling), e em uma amostra com 3,44 metros por meio de um quilo de amostra pulverizada para cada amalgamação. As informações são de comunicado enviado ao mercado nesta segunda-feira.

Os resultados apontaram interseção de 47,44 metros com um teor combinado de 1,03 gramas de ouro por tonelada, dentro de uma interseção maior de 119,44 metros com 0,73 g/t. O furo JED-006 fica exatamente abaixo do furo JED-004, cujos resultados da amalgamação indicaram 13,66 metros com teor de 4,06 g/t, confirmados por ensaio de fogo.

“Nós estamos muito empolgados com a extensão da mineralização encontrada no JED-006, um único furo testando a tendência mineral de dez quilômetros de Guida-Boa Velha [regiões do projeto Juma Leste] e sendo um dos seis alvos definidos até o momento”, disse Jeff McKenzie, CEO da BBX, no comunicado ao mercado.

Segundo a mineradora australiana, os resultados obtidos a partir da amalgamação devem ser considerados como valores mínimos, uma vez que apenas grãos de ouro totalmente liberados formam amálgama com mercúrio. O ouro presente nas rochas é dissolvido com mercúrio, formando uma mistura mais densa que é posteriormente separada dos sedimentos rochosos. Para se obter o ouro puro, o amálgama é aquecido e o mercúrio é evaporado.

Os direitos minerários referentes ao projeto Juma Leste pertencem à subsidiária Mineração BBX do Brasil, que também tem outros requerimentos de pesquisa no Amazonas.

Fonte : Notícias de Mineração

Data: 11/04/2016



24th World Mining Congress
MINING IN A WORLD OF INNOVATION

October 10-21, 2016
Rio de Janeiro/RJ - Brazil

www.wmc2016.org.br



CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO EM EXPLORAÇÃO MINERAL SIMXMIN 2016

1 – Exploration in 21th Century

SEG sponsored short course

MINISTRANTE: Cesar Aguirre – SEG/Teck Resoures, Peru

IDIOMA: Inglês

DATA: 19 de maio de 2016

LOCAL: Parque Metalúrgico de Ouro Preto, MG

CARGA HORÁRIA: 8 horas (1 dia)

2 – Geophysical Detection of Mineral Systems: The Importance of Deep Penetrating Geophysical Methods (SBGF SPONSORED SHORT COURSE)

MINISTRANTES: Mike Dentith – University of Western Australia

IDIOMA: Inglês

DATA: 19 e 20 de maio de 2016

LOCAL: Parque Metalúrgico de Ouro Preto, MG

CARGA HORÁRIA: 16 horas (2 dias)

3 – Fluidos, Alterações Hidrotermais e Depósitos Minerais

MINISTRANTE: Lydia Maria Lobato, UFMG

IDIOMA: Português

DATA: 19, 20 e 21 de maio de 2016

LOCAL: Parque Metalúrgico de Ouro Preto, MG

CARGA HORÁRIA: 24 horas (3 dias)

4 – World Class Deposits Forming Process

MINISTRANTE: Laurence Robb – University of Oxford, England

IDIOMA: Inglês

DATA: 19, 20 e 21 de maio de 2016

LOCAL: Parque Metalúrgico de Ouro Preto, MG

CARGA HORÁRIA: 24 horas (3 dias)

5 – Princípios e Diretrizes do Guia Brasileiro de Recursos e Reservas

MINISTRANTES: Thomas Brenner – Votorantim Metais e Celeste Queiroz – Vale

IDIOMA: Português

DATA: 19, 20 e 21 de maio de 2016

LOCAL: Parque Metalúrgico de Ouro Preto, MG

CARGA HORÁRIA: 24 horas (3 dias)

Para maiores informações acesse: <http://www.adimb.com.br/simexmin2016>